

Casos dos Mestres Traduzidos e Comentados**Renato Sampaio de Azambuja*****RESUMO**

O presente artigo apresenta uma tradução, com comentários, de relatos de casos publicados pelos mestres homeopatas do passado. Neste caso trata-se de dois casos publicados na época de ouro da homeopatia norte-americana em *The Medical Advance*, em 1891. Trata-se de resgatar o saber de uma época quando se praticava uma homeopatia que lançou as bases da utilizada hoje e, ao mesmo tempo, ainda com fortes vínculos com o que se pode chamar, com alguma dose de certeza, de uma prática hahnemanniana clássica.

Palavras-chave

Homeopatia; Estados Unidos de América; Século XIX; Casos clínicos

ABSTRACT

This article presents a commented translation of case reports published by homeopathic masters of the past. In this instance, the subject is two case reports published in the golden era of American homeopathy by *The Medical Advance* in 1891. The intention is to preserve the knowledge of a time when it was practiced the form of homeopathy that grounded the one practiced in our days and that, on the other hand, still had strong links to what may be rated as a classic Hahnemannian practice.

Keywords

Homeopathy; United States of America; 19th century; Case-reports

Tradução de “Eczema”, de A.T. Noe, em *The Medical Advance* 1891;26(3):201-202

Desejo relatar um caso para a homeopatia e provar aos alopatas como estão perdendo ao não individualizar os sintomas de cada paciente.

A Sra. M.G., 55 anos, loira, olhos azuis, ansiosa acerca de sua boa aventura espiritual, rezando diariamente, apresenta grande ansiedade, mas inclinada à tristeza e ao pesar, com humor mutável, irritabilidade e facilmente ofendida. Sentia-se muito mal, com pensamentos freqüentes na morte e acompanhados de choro. Havia 10 ou 12 anos que estava acometida por uma doença de pele que a deixava nesse estado emocional. O quadro era de erupções secas e crostosas, de cor acobreada, pior nas dobras da pele, iniciando nas partes genitais e espalhando-se para cima até o pescoço, pior nessa região e nas mamas, também nas dobras de pele, abdome, nas virilhas, vulva e nos joelhos. A pele ficou com o tempo grossa e crostosa, eliminando um líquido viscoso que escoriava as partes onde escorria, além de seca e inclinada a rachaduras.

Vale salientar que os sintomas acima foram fornecidos pela paciente, na época em que fui chamado, há 4 anos atrás.

A história desse caso mostrou-se peculiar. Ela afirmava que “Eu tentei não menos do que 14 médicos, fui objeto de discussões clínicas, alopáticas e homeopáticas de todos os tipos. Eles todos tentaram suas terapêuticas com aplicações e lavagens, mas sempre o alívio foi pequeno e breve, para depois piorar severamente mais do que no início”.

O médico que a atendia quando fui chamado era um autodenominado homeopata que também praticava aplicações externas na forma de lavagens medicamentosas, 3x por dia; ela disse que estava quase por morrer com tal tratamento e, que se tivesse alguma maneira no mundo para se

* Médico homeopata, Vice-presidente região sul da Associação Médica Homeopática Brasileira ✉ renazambuja@terra.com.br

ver livre dessa queimação na pele sem usar esses tratamentos que a faziam sentir-se pior, ela faria qualquer coisa. Tais aplicações lhe haviam feito bem, embora as tivesse usado por 3 meses ininterruptamente.

No momento que eu a vi, encontrei-a sentada na cama lamentando sua condição. Quando seu marido me apresentou, ela ficou desapontada ao encontrar-me um jovem médico. Ela disse: “Por quê? O senhor não é nada mais que um menino, o senhor não pode fazer nada por mim, eu tentei 13 ou 14 médicos, todos de larga experiência, e eles falharam em me curar. Na verdade, eu esperava um médico experiente”.

Após 40 minutos de queixas, entre lágrimas e soluços, relatando seus problemas do passado e maldizendo seu futuro, eu disse a ela que embora eu não era muito experiente e não sabia mesmo de tudo, pretendia oferecer a ela um alívio substancial de seu sofrimento e que poderia ser até permanente. Mostrei a ela a falácia do tratamento local que vinha recebendo e olhei tão clara e pacificamente em seus olhos que, após ter escutado todas suas queixas do modo como queria contar, ela já se sentiu melhor.

Com o caráter da paciente acima descrito, administrei-lhe uma dose de *Graphites* 200 e deixei uma dose de *Sac. lac.* em pó para tomar no dia seguinte. Solicitei que me procurasse em três semanas no meu consultório, se ela estivesse apta.

Em 1º de julho ela veio ao meu consultório, conforme o combinado, dizendo: “Estou quase boa, melhor do que nunca estive nesses três últimos anos. A erupção quase desapareceu, somente alguma umidade permanece nas dobras da pele e a queimação que me atormentava cedeu quase totalmente”.

Eu administrei mais uma dose de *Graphites* 6m, era a potência mais alta que tinha em mãos no momento, junto com *Sac. lac.* para tomar na seqüência e solicitei retorno em 30 dias, o que ela fez sentindo-se ainda melhor. Não administrei mais nenhuma dose.

Esse quadro clínico e método de individualização, junto à doutrina, foi realizado à luz dos estudos do *Organon* e da *Matéria Médica Pura*. A cura ocorreu de acordo com os três primeiros parágrafos do *Organon*.

Tradução de “A Clinical Case”, de G. Pompili, em The Medical Advance 1891;26(2):144-146

Caros colegas: encaminho a vocês um caso clínico. Não é muito, mas espero que vocês apreciem porque ele oferece uma boa prova da necessidade e do poder da individualização hahnemanniana.

Eu estava de férias em Spoleto no verão de 1887. Era mês de agosto quando a Marquesa Lavinia Monoldi-Toni adoeceu por vários dias e um médico homeopata da cidade começou a tratar dela. A enfermidade foi piorando seriamente e fui convidado a ver a paciente, uma vez que ela já tinha sido minha cliente e também porque ela sempre foi adepta da homeopatia.

Tomei o caso junto com o colega que então a assistia. Era um caso que afetava profundamente os centros nervosos e que era difícil diagnosticar em termos de patologia nosológica. Mas não importava, já que a paciente apresentava sintomas bem homeopáticos e individualizantes.

Os sintomas eram: depressão e total prostração da força. Ela permanecia deitada na cama numa contínua e completa sonolência. Além dessa extrema fraqueza, também sofria de um tipo de estupor que nunca foi sua característica durante sua vida.

Para alimentá-la era necessário colocá-la em uma posição semi sentada, no entanto não conseguia permanecer nela muito tempo, precisando em seguida deitar-se. Assim que engolia, mecanicamente, algumas colheradas de sopa e alguns goles de vinho, sempre contra sua vontade, ela voltava a seu estupor e sonolência, caindo em letargia. Era difícil para ela falar, respondia brevemente quando questionada e logo adormecia. Não pedia nada, não falava e para tanto era sempre necessário acordá-la.

Face sempre pálida.
Expressão apática, estuporosa.
Temperatura do corpo sempre fria.
Pulso lento e fraco.
Respiração lenta.

Ficou nessa condição por alguns dias e eu, considerando especialmente a fraqueza em todos os sentidos (sensório) da paciente, que era o mais visível dos sintomas, administrei uma dose de *Anacardium* 3m, o qual de início pareceu fazer um bom efeito. Mas nem esse e nem *Arsenicum* 200, administrado na seqüência, tiveram qualquer efeito e a condição da paciente piorava paulatinamente.

Aconteceu que, numa noite, a marquesa tentou sair da cama e logo caiu no chão como um cadáver; foi necessário colocá-la na cama, já que era incapaz de qualquer reação.

Enquanto esses sintomas se intensificavam, outros se manifestaram, mais mortais, e que nesses casos podem revelar o prelúdio da morte, quais sejam a emissão involuntária de fezes e urina. Parecia que uma paralisia completa seria o último evento, pois ela era de uma constituição nervo-linfática e com mais de setenta anos.

Não havia esperança e os familiares estavam certos da perda iminente. Eu também quase perdi a esperança, mas me devotei a um longo e diligente estudo da Matéria Médica e o resultado foi que, se existia um medicamento, pela manifestação dos sintomas, esse seria *Hyosciamus*. Então, em 28 de agosto, eu administrei uma dose seca na língua de *Hyosciamus* 200, com a intenção de passar sucessivamente à potência CM. Mas não foi necessário, porque essa dose sozinha, após produzir uma exacerbação de todos os sintomas, foi, em pouco tempo, para espanto de todos, seguida de uma melhora gradual que, após dois dias, trouxe a paciente a uma recuperação completa.

Hoje em dia, em sua idade avançada, a marquesa ainda goza de uma excelente saúde, confirmando para todos os efeitos benéficos da homeopatia. Como comentário para esse episódio clínico, poderíamos deduzir os seguintes corolários:

- 1) Um bom médico homeopata não deve nunca ter pressa em fornecer a prescrição antes de ter estudado o quadro completo da enfermidade
- 2) Quando o medicamento responde para todos os sintomas peculiares e característicos do caso, uma única dose é capaz de curar, mesmo em casos muito graves.

Comentários

Os estudos de textos antigos, tais como esses que foram traduzidos diretamente dos arquivos do *The Medical Advance*, publicados na época áurea da homeopatia norte-americana, são deveras estimulantes. O comentário que ousou desenvolver não se presta a defender nenhum tipo de prática homeopática e nem é uma crítica específica a qualquer proposta moderna de abordagem de casos clínicos. Antes de tudo é um resgate de uma época quando se praticava uma homeopatia que lançou as bases do que fazemos hoje e, ao mesmo tempo, ainda com fortes vínculos ao que se pode chamar, com alguma dose de certeza, de uma prática hahnemanniana clássica.

Esses dois pequenos casos ilustrativos, como também os casos relatados no artigo publicado na revista *Cultura Homeopática* 2007;19:42-5, ou ainda em uma vasta gama de casos relatados em várias publicações da citada "homeopathic magazine", revelam o equilíbrio exercido pelos médicos homeopáticos daquele tempo na busca de uma prescrição adequada ao paciente. Se por um lado rejeitavam peremptoriamente a prescrição pelo nome da doença ou do diagnóstico nosológico, por outro valorizavam sobremaneira os sintomas do doente.

Nesse último quesito, o valor da individualização, é onde desejava me demorar um pouco mais na interpretação. Apesar de não ser objeto de esse comentário desenvolver críticas diretas a

qualquer método propedêutico em homeopatia, não posso me furtar de observar que vivemos um período onde proliferam teses e teorias, com as assinaturas dos respectivos autores, de como se deve diagnosticar e prescrever homeopatia. Esses artigos vêm mostrar a importância da individualização baseada nos sintomas que são estranhos, raros e peculiares.

Óbvio? Pode parecer. No entanto fico refletindo em como temos buscado caracterizar essa peculiaridade do doente em nossa prática. Como nossa prática pode ter se contaminado com a ânsia de se definir personalidades medicamentosas e, imbuídos de sua busca no relato paciente que se revela em nossa frente, podemos deixar passar em branco o sintoma que caracteriza o quadro clínico que se apresenta.

Gosto de relatar uma experiência própria com um paciente agudo, com broncopneumonia de base direita, com inúmeros “sintomas mentais” onde eu procurava uma síntese característica para então encontrar um medicamento semelhante sem sucesso algum por 20 dias. É claro que o paciente apresentava melhoras parciais o que o encorajava, além de sua convicção na homeopatia, a continuar com o tratamento. Eu mesmo considerei com o cliente a possibilidade de entrar com antibióticos, o que ele rejeitou. As imagens radiológicas - foram três até o diagnóstico homeopático final - todas confirmavam a consolidação em base direita, sem evolução clínica de piora ou melhora. Diversos medicamentos foram testados. Foi quando prestei atenção ao sintoma que estava presente desde o início: sensação de uma barra de gelo nas costas. Se teria sido necessário todo esse processo para que o sintoma se abrisse claramente para mim, tenho certeza que não. Se eu estivesse com a mente impessoalmente aberta para a observação clara do fenômeno, ao invés de contaminada por uma hierarquia antes da observação pura, teria chegado ao sintoma mais cedo para benefício do doente. De qualquer modo o quadro evoluiu maravilhosamente bem após uma dose de *Agaricus 200c*, sem necessitar outra. A evolução caracterizou-se por uma melhora rápida e suave e em 36 horas não havia mais sintoma algum. Saliento que foi a única vez que esse paciente respondeu à *Agaricus*. Tentei retomar o medicamento sem sucesso algum.

De qualquer modo, a busca de um *simillimum* para o doente é um trabalho caracterizado por um processo que se constrói em comunhão com o paciente, na observação sem preconceitos das evoluções que se apresentam e na escolha dos melhores sintomas que reflitam o que é individual no caso. A busca do que é raro e peculiar nem sempre ocorre no que chamamos de “sintomas mentais”, em que pese que o método de hierarquização clássico aprendido em nossas escolas de homeopatia, é um guia seguro para se iniciar o processo de pesquisa e de construção de um tratamento homeopático.

Se fôssemos aplicar nossos métodos de hierarquização, para esse último caso poderíamos levantar:

- Men: desejos, não pede nada
- Men: responde, estupor volta após responder
- Gen: fraqueza parálitica
- Gen: fraqueza com ausência de reação
- Face: expressão estúpida
- Sono: sonolência irresistível
- Respiração: lenta
- Reto: evacuação involuntária
- Bex: micção involuntária

Com esses sintomas temos os seguintes medicamentos: *Hyosciamus*, *Opium*, *Arsenicum album* e *Helleborus niger*. *Ars* já havia sido utilizado sem sucesso e a paciente não apresentava a inquietude que caracteriza os seus quadros. *Hell*, apesar de ser um medicamento que age profundamente nos centros nervosos, sua característica é mais de lentidão sensorial do que de paralisia e não apresenta a sonolência tão característica da paciente. Resta o diagnóstico diferencial com *Op*, que jamais poderemos ter certeza de que também não teria agido no caso. A possibilidade de que talvez *Op* pudesse também mobilizar o caso para a cura deve-se a que os sintomas são muito semelhantes.

No primeiro caso, poderíamos levantar os seguintes sintomas segundo uma hierarquização usual:

- Men: Ansiedade salvação
- Men: Humor mutável
- Men: Ofende-se facilmente
- Men: Pesar – Magoa
- Men: Reza
- Pele: Erupções acobreadas
- Pele: Erupções crostosas e secas
- Pele: Secreção corrosiva escoriante
- Pele: Secreção glutinosa

Ao se realizar a repertorização (*Repertorium Homeopathicum Digital*), nenhum medicamento cobre todas as rubricas. Os três primeiros que aparecem são *Ars* (não cobre a secreção glutinosa), *Calcarea carbonica* (não cobre o sintoma “reza”) e *Sulphur* (não cobre erupções acobreadas). Vale salientar que se fossemos considerar somente os sintomas mentais eleitos, os únicos medicamentos que cobrem a totalidade são *Calc* e *Pulsatilla pratensis* - o último entrando no diagnóstico diferencial somente pelos dados psíquicos. *Graphites* aparece em sétimo lugar.

O que importa observar é que provavelmente a escolha recorreu sobre *Graph* exatamente pela característica patogenética do medicamento, cujas características erupções de pele são, via de regra, as indicações mais relevantes desse medicamento. É claro que lendo a matéria médica *M* clínica de *Graph*, encontramos um quadro psíquico compatível com o relatado pela paciente, mas não se tratava do que realmente era singular no caso e, sim do quadro como uma totalidade sintomática singular, onde as erupções e suas características bem modalizadas tiveram parte relevante na escolha do medicamento.

Por último, e não menos importante, vale um comentário sobre uma singela observação feita e relatada pelo Dr. Noe, quando ele ouvia atentamente e olhava com segurança para sua paciente descrente. Trata-se de uma das grandes virtudes que oferece a prática homeopática: uma relação médico-paciente profunda e intensa, que considera os diversos aspectos e humaniza o processo de enfermidade, além da construção pelo sujeito de sua própria cura, e leva para além da própria terapêutica medicamentosa o desenvolvimento do cuidado com o doente.